

Redes Sociais: Uma Perspectiva Ecológica Comunicacional¹

Gad Bezerra de Amorim Barbosa²
Prof. Dra. Maria Emília de Oliveira Pereira Abbud³
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

RESUMO

Este artigo bibliográfico expõe parte do quadro teórico desenvolvido na dissertação, Redes sociais, uma perspectiva ecológica: Publicidade de alimentos no Facebook, apresentado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, na Linha de Pesquisa Redes e Processos Comunicacionais. São muitas as metáforas utilizadas para a representação dessas conexões nas redes sociais. Aliás, há uma ligação com o meio natural no qual vivemos. A observação das teorias das redes sofre impacto direto da observação do espaço e da natureza na qual habitamos, seja ele biológico, físico, químico ou até mesmo metafísico, que aqui conectamos com os ecossistemas comunicacionais.

PALAVRAS-CHAVE: Redes Sociais; Ecossistemas Comunicacionais; Comunicação Midiatizada; Interfaces Comunicacionais; Comunicação Especializada.

1 INTRODUÇÃO

As teorias das redes são clássicas nas ciências humanas. Elas têm desenvolvido estudos sobre as relações entre humanos e não humanos. Todas remetem necessariamente às inter-relações, associações encadeadas, interações dinâmicas, comunicação e/ou intercâmbio de informação. As teorias das redes são apropriadas como propostas de organização e para a análise de redes. A diferença entre elas está na forma como a informação se desloca entre os nós, o grau de complexidade dessas

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Publicitário. Mestre em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, *Master in Business Administration - MBA* em Gestão de Projetos pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas – CIESA, Especialista em Comunicação Empresarial e Marketing pela Centro Universitário do Norte – UNINORTE. Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências da Comunicação, Informação, Design e Artes da UFAM (Interfaces). Email: amorimgd@gmail.com

³ Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Amazonas, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação - PPGCCOM e Vice-coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da Ufam, Membro do Comitê de Ciências Sociais Aplicadas (PIBIC - Ufam), Líder do Grupo de Pesquisa Comunicação Social: Estudos Interdisciplinares, e Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ciências da Comunicação, Informação, Design e Artes da UFAM (Interfaces). Email: emiliaabbud@hotmail.com

interações que possuem forças diferentes ou não, e na dinâmica que acontece ao longo do processo de comunicação entre esses agentes.

É necessário entender que as redes surgem com as relações humanas ao longo da história, nas quais vários tipos de organização social foram sendo desenvolvidas, tendo fundamentação sobre um tipo específico de vínculo ou laço para que pudesse existir uma convivência. As redes sociais mobilizam um enorme universo de usuários em todo o mundo, levando a uma alteração substancial dos modelos sociais de espaço e tempo, fazendo emergir, dessa forma, grandes novidades no processo de comunicação e na produção cultural.

2 REDES SOCIAIS

Nas relações humanas em que há proximidade entre os membros de um grupo, como ocorre na família e entre amigos, o vínculo principal é o afeto. Todavia, em grupos de referência, do tipo religioso, por exemplo, um dos laços principais é a fé compartilhada entre os integrantes. Castells (1999, p. 41) afirma que “o fundamentalismo religioso - judeu, cristão, islâmico, hindu e até budista (o que parece uma contradição de termos) - provavelmente é a maior força de segurança pessoal e mobilização coletiva nos tempos conturbados”. Já nas organizações privadas, o objetivo é o sucesso profissional.

Para Martino (2014), as redes tendem a ter laços menos rígidos, voltados principalmente para os interesses, temas e valores compartilhados, mas sem ter a força de uma instituição e com uma dinâmica de interação bem específica. O tempo destinado a essas relações é volúvel e permite o estabelecimento de forças de conexão desiguais.

Nas teorias de rede, quando tratamos de não humanos, direcionamos o ponto de vista comunicacional às tecnologias. Nas últimas décadas, com o desenvolvimento da *Internet*, uma “revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado”. (CASTELLS, 1999, p. 40). Consoante Martino (2014) os avanços tecnológicos contribuíram para a popularização das redes, principalmente as que são conectadas à *Internet* e que ampliam os processos de comunicação. Quanto às redes, de maneira genérica, Morin (2011) assevera que os indivíduos dependem das redes de conexões que possui. Castells (1999, p. 58) reforça também que “as relações sociais são definidas defronte às outras, com base nos atributos culturais que especificam a identidade”, entende-se por identidade o

conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas, nas quais alguma forma de distinção entre o eu e o outro, nós e eles, não seja estabelecido (CALHOUN, 1994).

Esse conhecimento, proposto por Calhoun (1994), pode surgir sobre a construção da identidade entre três formas e origens:

Identidade legitimadora: introduzida pelas instituições dominantes da sociedade no intuito de expandir e racionalizar sua dominação em relação aos atores sociais, tema este que está no cerne da teoria de autoridade e dominação, e se aplica a diversas teorias do nacionalismo; 2. Identidade de resistência: criada por atores que se encontram em posições/condições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação, construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo oposta a este último, conforme propõe Calhoun ao explicar o surgimento da política de identidade; 3. Identidade de projeto: quando os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social. A legitimadora dá início a uma sociedade civil, ou seja, um conjunto de organizações e instituições. Sejam elas privadas, não-governamentais ou governamentais, vários atores sociais, que mesmo às vezes agindo de modo conflitante, são estruturados e organizados, desenvolvendo uma identidade que racionaliza as fontes de dominação social. (CASTELLS, 1999, p. 24).

Castells (2002) afirma que a identidade de resistência leva à formação de comunidades, provavelmente o tipo mais interessante e importante na construção de identidade em nossa sociedade. A identidade de projeto produz sujeitos:

Chamo de sujeito o desejo de ser um indivíduo, de criar uma história pessoal, de atribuir significado a todo conjunto de experiências da vida individual... A transformação de indivíduos em sujeitos resulta da combinação necessária de duas afirmações: a dos indivíduos contra as comunidades, e a dos indivíduos contra o mercado. (TOURAINÉ, 1995, p. 21).

Muitas vezes, a construção dessa identidade de projeto pode resultar em conflitos nas relações humanas, uma vez que destoar do sistema imposto ou rebelar-se contra a comunidade vivida é tido como uma alternativa, no mínimo, passível de inúmeros questionamentos. Segundo Castells (1999, p. 396) a “a globalização do capital e da tecnologia da informação força-nos a analisar o clássico tema da integração do comércio e do investimento sob nova perspectiva”. A ideia de individualidade fica muito suscetível às ações desse sujeito, que precisa se integrar de alguma forma na comunidade.

O sujeito emerge ao mesmo tempo em que o mundo. Ele emerge desde o ponto de partida sistêmico e cibernético, lá onde certo número de traços próprios aos sujeitos humanos (finalidade, programa, comunicação etc.) são incluídos no objeto máquina. Ele emerge, sobretudo, a partir da auto-organização, onde autonomia, individualidade, complexidade, incerteza, ambiguidade tornam-se caracteres próprios ao objeto. Onde, sobretudo, o termo “auto” traz em si a raiz da subjetividade. (MORIN, 2011, p. 38).

Logo, evidenciamos que os “sujeitos não são indivíduos, mesmo considerando que são constituídos a partir de indivíduos. É o ator social coletivo pelo qual o indivíduo atinge o significado holístico em sua experiência”. (CASTELLS, 1999, p. 26). Cada membro detém uma experiência única e exclusiva, de modo seguro e consistente, mesmo participando de uma comunidade ou de uma organização/instituição.

Para a comunicação, é pertinente o fato de as teorias de redes tratarem das relações humanas no espaço real e nos espaços virtuais propostos pelos avanços tecnológicos, pelas mídias digitais e pela *Internet*. Nesse contexto, a “tecnologia permite encontrar interlocutores virtuais com mais facilidade do que poderia ocorrer nos espaços físicos”. (MARTINO, 2014, p. 46). Essa relação se dá através da autonomia dos membros participantes de uma rede.

Para Morin (2011, p. 66) a “noção de autonomia humana é complexa, já que ela depende de condições culturais e sociais”. Por isso, esse sujeito precisa adquirir um senso de dependência de alguma maneira, pois, ainda conforme esse autor, as pessoas dependem de elementos, tais quais, “uma educação”, “uma linguagem”, “uma cultura”, “uma sociedade”, “um cérebro”, dependem até mesmo de “genes”, ficando evidente, a constituição de uma rede, levando-se em consideração a conexão e o caráter de interdependência existente entre esses elementos.

Consoante Martino (2014, p. 56), quanto à constituição de uma rede, “a dinâmica entre seus participantes refere-se à forma de interação entre eles, pode ser entendida como o movimento existente em uma rede, como a quantidade e o tipo de conexões estabelecidas entre os participantes”. Essa característica se assemelha, portanto, ao que acontece quando ocorre certa verificação de acesso ou falta de acesso por parte dos integrantes de alguma rede social virtual da atualidade.

É importante que aja uma conexão para que a rede possa interagir, para Lévy (2009) esclarece ainda que o virtual faz parte do real, não se opondo a ele, mas, sim, tendo como contrário ele. O “atual”, no sentido de algo que acontece ao vivo, naquele

momento, passa a noção de que o real e o virtual se articulam em suas dimensões e não estão desconectadas. Em adição, de acordo com Lévy (2009, p. 16-17):

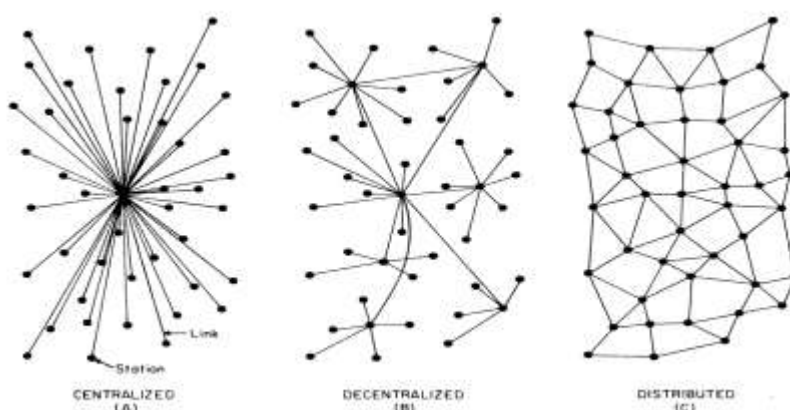
A atualização é a criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades. Acontece então algo mais que a dotação de realidade a um possível ou que uma escolha entre um conjunto predeterminado: uma produção de qualidades novas, uma transformação das ideias, um verdadeiro devir que alimenta de volta o virtual.

Para que aja um desencadeamento da atualização no meio virtual as redes alteram-se no meio virtual, Lévy (2009, p. 17) reitera também que a “virtualização pode ser definida como o movimento inverso da atualização”. Em outras palavras, a virtualização vai influenciar, numa forma alterada da identidade, uma modificação do objeto considerado, sendo que esse processo não ocorre necessariamente com um indivíduo ou um sujeito, mas qualquer coisa que esteja sendo virtualizada. Isso fica claro nas redes sociais quando as relações entre os nós acontecem mediante o tempo e interesse e não sob um espaço geográfico. Para humanos, o acesso pode existir de qualquer lugar, bastando haver interesse dos indivíduos, independentemente do processo de identidade em que eles se encontrem na sociedade.

Martino (2014, p. 64) relata que “uma das primeiras tentativas de aplicação do conceito de redes a um sistema de comunicação foi feita pelo cientista social norte-americano Paul Baran em 1962”. Seu diagrama é, hoje, amplamente usado para também explicar como deveríamos agir, enquanto sociedade. Ele repensou o modelo dos centros de comunicação: em vez de algo centralizado, a ideia era de uma comunicação totalmente distribuída, dificultando a desativação dos sistemas em caso de ataque inimigo direcionado.

Baran (1964) apresenta três modelos de rede de tecnologia, que, até hoje, são muito utilizados para explicar as relações existentes, tanto na realidade quanto no ambiente virtual da *Internet*, e, principalmente, na comunicação para as explicações iniciais sobre redes sociais, sendo eles: o de rede distribuída, o de rede centralizada e o de rede descentralizada.

Figura 1- Os diagramas de Paul Baran, presente em *On Distributed Communications*, de 1962. Nele, são mostrados os diferentes tipos de comunicação: centralizada, descentralizada e distribuída:



Fonte: Paul Baran, 1962.

No que consiste a comunicação centralizada, Martino (2014, p. 65) ressalta que “as redes podem ser centralizadas, com múltiplas conexões partindo de um único ponto, com as informações irradiadas para todos os outros”, bem ocorre numa palestra, com as âncoras de telejornais, políticos em palanque, todos eles funcionando como nó central transmissor de uma informação.

Comunicação descentralizada é aquela que possui um nó central, que se une a outros nós secundários que geram cadeias menores em alguns pontos. Essa estrutura hierárquica rege praticamente todas as nossas interações, como, por exemplo, um grupo de trabalho que possui um chefe, esse chefe possui outro chefe e todas essas pessoas ainda estão sob o guarda-chuva do verdadeiro comandante. Martino (2014, p. 65) aponta que “o problema desse tipo de rede é sua fragilidade: basta destruir um dos nós (nas redes centralizadas) ou alguns (nas redes descentralizadas) para inutilização de todo o sistema”.

Conforme Baran (1964), na comunicação distribuída, não vai existir uma hierarquia entre os nós, todos são um emissor em potencial. Não há cadeia de comando. Já para Martino (2014, p. 65), “a única maneira de fazer a rede parar de funcionar seria destruir todos os sistemas”, como se tivesse que destruir todo um país, para que houvesse a perda total da rede.

Porém, com o avanço das novas mídias digitais, tal possibilidade se torna mais difícil, pois existem tecnologias capazes de neutralizar tal ação, exemplo, as ‘nuvens de arquivos digitais’, estas são capazes de reter grande capacidade de informações em espaços geográficos diferentes, são bancos de dados espalhados por continentes que podem trabalhar de maneira integrada ou separadamente.

3 PERSPECTIVA ECOSISTÊMICA COMUNICACIONAL

São muitas as metáforas utilizadas para a representação dessas conexões. Aliás, há uma ligação com o meio natural no qual vivemos. A observação das teorias das redes sofre impacto direto da observação do espaço e da natureza na qual habitamos, seja ele biológico, físico, químico ou até mesmo metafísico. Há uma infinidade de correlações e abordagens. O olhar sobre essas relações e as forças nas conexões sofrem variações de acordo com cada área do conhecimento:

Árvore - modelo no qual a informação parte de uma raiz e se difunde ou dissemina através de “ramos” ou ramais, isto é, um processo comunicativo que se ramifica até certo limite (se for “podado”) ou pode se desdobrar indefinidamente, com a agregação de novos integrantes. Malha ou trama - a representação é composta por ligações simétricas entre os nós (como numa rede de pesca), que pressupõem relações equidistantes de comunicação e fluxos regulares de informação: as mensagens fluem por “contágio”, de nó em nó (de pessoa-a-pessoa) como na publicidade de boca em boca. Teia - padrão de relações que se desenvolvem radialmente, a partir de uma liderança de uma coordenação ou de um centro “irradiador” que distribuiu mensagens para todos os pontos da rede; qualquer mensagem tem que ser enviada ao nó central, que distribui para todos os demais, mas não para um ou alguns nós específicos. Rizoma - é a metáfora que tenta dar conta de uma multiplicidade de relações assimétricas de comunicação, desencadeada em vários pontos simultaneamente, e de fluxos acentrados e não regulares de informação, nos quais não é possível identificar um ponto “gerador” único. (AGUIAR, 2006, p. 12-13).

A metáfora da árvore é uma denominação de comunicação, na qual se basearam, inicialmente, os sistemas distribuídos de computadores, como o modelo de tele radiodifusão, em que a produção é centralizada e distribuída para emissoras repetidoras da programação, podendo representar um sistema de comunicação melhor do que de rede. Para Morin (2011), a trama ou malha tem uma comunicação linear parecida com o sistema de *Internet* por antenas, podendo ser de diferentes fios e fios de diferentes cores. É um resumo bem simples comparado à complexidade de uma manta têxtil feita por vários fios, por exemplo.

A teia representa uma homogeneidade entre os agentes, mas quanto maior for a participação na rede, menor será seu grau de previsibilidade, apesar dessa equivalência entre os seus participantes. O rizoma apresenta uma rede na qual a informação pode ser direcionada a um elemento ou a vários elementos com um único impulso. Aguiar (2006, p. 13) reforça que esse impulso “caracteriza-se pela multidirecionalidade, onde o fluxo de informação pode partir de qualquer ponto”.

Nessas metáforas de teia, trama, árvore e rizoma, pode-se facilmente tentar enquadrá-las dentro do modelo de rede criado por Baran (1964), no qual teia = rede centralizada; trama = rede distribuída e árvore = rede descentralizada. A grande diferença fica para a metáfora do rizoma, que hoje simboliza os diversos níveis que podem existir quando há uma integração entre as mídias digitais com o tráfego de informação, uma vez que, usando uma única mídia digital, é possível compartilhar o conteúdo/informação com diversas outras mídias digitais. Para isso, basta haver conexão com a *Internet*, não havendo fronteiras para o compartilhamento dessas informações no meio virtual; o limite é o universo.

Quando uma pessoa, uma coletividade, uma organização, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinário e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. Recortam o espaço-tempo clássico apenas aqui e ali, escapando a seus lugares comuns “realistas”: ubiquidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela. A virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar. (LÉVY, 2009, p. 21).

Essa virtualização fica clara quando se têm diversas empresas atuando, pesquisando e movimentando-se sobre as possibilidades oferecidas pela *Internet*. Castells (2003) denomina essas empresas que fazem uso da *Internet* como ‘empresas de rede’. Ele afirma que as empresas de rede evoluíram a partir do resultado de várias estratégias de interconexões, nas quais:

Em primeiro lugar, a descentralização interna de grandes corporações que adotaram estruturas enxutas, horizontais de cooperação e competição, coordenadas em torno de metas estratégicas para a firma como um todo. Em segundo lugar, a cooperação entre empresas pequenas e médias, reunindo seus recursos para alcançar uma massa crítica. Em terceiro, a conexão entre essas redes de pequenas e médias empresas e componentes diversificados das grandes corporações. E, por fim, as alianças e parcerias estratégicas entre grandes corporações e suas redes subsidiárias. (CASTELLS, 2003, p.58).

Percebe-se que essa quebra na estrutura física das empresas e esse movimento feito para o mundo virtual da *Internet* se incluem em um processo de globalização empresarial, “que não respeitam fronteiras nacionais; articulam-se nem sempre de

maneira tranquila, com culturas locais, criam novos hábitos e impõem uma lógica da racionalidade ocidental”. (MARTINO, 2014, p. 102).

Os agentes não necessitam estar de fato fazendo uso de uma mesa a “vinte passos” do seu chefe direto. Lévy (2009, p. 19) afirma que o “virtual, com muita frequência, não está presente”, completando o raciocínio ao dizer que os elementos podem se tornar nômades, dispersos, e a necessidade por uma localização geográfica decresceu acima do esperado. Logo, as conexões dadas nesse ambiente acontecem através dos nós de conexão.

Um nó depende do tipo de redes concretas. São mercados de bolsas de valores e suas centrais de serviços auxiliares avançados na rede dos fluxos financeiros globais. São conselhos nacionais de ministros e comissários europeus da rede política que governa a União Europeia. São campos de coca e papoula, laboratórios clandestinos, pistas de aterrissagem secretas, gangues de rua e instituições financeiras para lavagem de dinheiro na rede de tráfico de drogas que invade as economias, sociedades e Estados do mundo inteiro. (CASTELLS, 1999, p. 498).

Portanto, os nós dentro de uma rede de comunicação possuem forças idênticas ou variadas. Essas forças dependem do tipo de conexão estabelecida entre eles; essas conexões são chamadas de laços e, nesse tipo de rede: ‘laço social’. Martino (2014, p. 68) acentua que a força desses laços é medida sobre três fatores: “a) A quantidade de tempo que se despende com essa pessoa; b) A intensidade emocional do vínculo; c) A intimidade, confiança mútua e reciprocidade”. Já Granovetter (1983) reforça que esses fatores não são isolados e que quanto maior forem eles, os laços existentes serão mais fortes. Martino (2014, p. 69) exemplifica ao dizer que “é plenamente possível gastar, por razões específicas, uma quantidade muito grande de tempo com pessoas com quem se tem um vínculo emocional fraco e pouca intimidade”.

A constituição das redes é apenas um dos dados do problema, que deve ser pensado, a partir de sua constituição histórica, como um campo de interações de outras teorias. Para Capra (1996), no pensamento sistêmico da teia da vida, todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependência, que nos remete também a uma visão ecossistêmica da comunicação. Pereira (2010) salienta que:

Significa perceber que o ambiente que envolve a comunicação é conformado por relações estabelecidas entre sistemas diferentes e que, embora diferentes, dependem um do outro para existir. Significa perceber que modificações no ambiente e nos sistemas que dele participam tendem a transformar a própria comunicação e a cultura, uma vez que esta tende a se adaptar às condições do ambiente. (PEREIRA, 2010, p.59).

Conforme McLuhan (1969, p. 22) e, ainda, dentro dessa visão ecossistêmica da comunicação:

O conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre outro meio ou veículo e a *Internet* é o melhor exemplo disto: mais do que o conteúdo de um meio de comunicação anterior, a *Internet* é uma mistura até então de possibilidades infinitas dos conteúdos de todos os meios anteriores.

É este fator que justifica o seu enorme sucesso, pois, se o “cruzamento ou hibridação dos meios liberta grande força ou energia como por fusão, quanto maior for o número de meios que se fundem, maior é a energia” (McLUHAN, 1969, p. 67) e, por isso, maior a atração exercida sobre o ser humano.

A *Internet* avançou em pouco tempo o que outras mídias de massa não conseguiram avançar. Deve-se muito às tecnologias desenvolvidas, mas o papel da comunicação nessa evolução é salutar. “Significa perceber que o ambiente que envolve a comunicação é conformado por relações estabelecidas entre sistemas diferentes e que, embora diferentes, dependem um do outro para existir”. (PEREIRA, 2010, p.59). Assim, a *Internet* “protege o movimento da repressão de seus espaços físicos liberados, mantendo a comunicação entre as pessoas do movimento e com a sociedade em geral na longa marcha da mudança social exigida para superar a dominação institucionalizada”. (CASTELLS, 2013, p. 171).

Nesse contexto de relações, é importante a busca por uma comunicação baseada não apenas em emissor/receptor, mas, sim, em uma comunicação de interações. Morin (2011, p. 13) nos propõe que a partir da complexidade, num primeiro olhar, “é um tecido de constituintes heterogêneos inseparavelmente associados: ela coloca o paradoxo do uno e do múltiplo”. Num segundo momento, quando esse uno é visto com uma lupa, o autor evidencia que:

A complexidade se apresenta com os traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso, o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o

incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar (MORIN, 2011, p. 13-14).

Para tanto, observou-se que o caminho não é uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz para sua autonomia (MORIN, 2011). Todas essas linhas de pensamento possuem peculiaridades fundamentais para a compreensão de uma sociedade moderna e atuante, que busca desenvolver não mais o sentido da vida, mas também o valor da vida, estabelecendo um mundo conectado e uno, sempre com alguma ligação com outros paralelos, universos e sistemas infindáveis.

Essas relações se apresentam no cotidiano dentro da rede proposta por Castells (1999) que está lá desde os primórdios da humanidade, do relacionamento homem e mulher, da visão religiosa, da constituição da família. Com a revolução industrial, conhecer essa lógica cultural de consumo, através das possibilidades de uma rede social - que atrai e motiva essa relação com as empresas -, tornou-se imprescindível. O mercado não demorou a entender que era necessário levar em conta o que o consumidor queria e não apenas o que se fabricava.

Toda essa sequência de pensamentos apresenta uma sociedade contemporânea que emite sua opinião, critica o ruim, elogia o plausível e repudia o dantesco. Para Baudrillard (1973, p. 198), “as gamas hierarquizadas de objetos e de produtos desempenham então estritamente o papel que desempenhavam outrora as gamas distintas de valores, sobre quais repousa a moral de grupo”. Trata-se de entender que produto consumido detém um valor financeiro, que o vai diferenciar dos demais, como no passado, quando a publicidade de cigarros explorava o homem viril, aventureiro, audacioso. (SANT’ANNA, 2001).

As tecnologias, como o rádio e televisão, apresentaram um mundo de inovações e possibilidades outrora nunca vistas e escutadas pela sociedade. O que era analógico, “no caso do rádio e da televisão, ondas produzidas a partir de meios físicos eram lançadas no ar e captadas por antenas”, agora, detinha movimento real, sonoridade e fascinação alinhada com a novidade das mídias digitais. Vê-se, portanto, essa mudança como algo dominante:

Com o advento da cultura da mídia, os indivíduos são submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro de sua própria casa, e um novo mundo virtual de entretenimento, comunicação, sexo e política estão

reordenando percepções de espaço e tempo, anulando distinções entre realidade e imagem, enquanto produz novos modos de experiência e subjetividade. (KELLNER, 2001, p. 27).

Essa é uma visão um tanto quanto moderna, talvez, não mais contemporânea; o que Kellner (2001) chama de realidade e imagem. Hoje, há um meio real e o meio virtual. A *Internet* é, sim, um ambiente de forte cultura midiática. Castells (2003) relata, ainda, que a *Internet* é um meio de comunicação que permite, pela primeira vez, a comunicação de muitos com muitos em um momento específico e em escala global, e constitui uma transformação nas mais diversas relações sociais pela utilização de um novo meio de comunicação. O autor declara que:

Como a prática da humanidade é baseada na comunicação, e a *Internet* invariavelmente transformou a forma como os indivíduos se comunicam, ela acabou por transformar profundamente a vida dos atores sociais e em consequência disso pode-se afirmar que a rede mundial de computadores é uma tecnologia particularmente maleável, suscetível de ser profundamente alterada por sua prática social, e conducente a toda a uma série de resultados sociais potenciais. (CASTELLS, 2003, p. 10).

A *Internet* alterou o espaço virtual. O que antes era conhecido apenas em jogos, em programas de realidade virtual, hoje se observa que há uma dedicação de tempo desse ator social para a *Internet* devido às diversas possibilidades encontradas na rede, para tanto, são criadas relações entre eles, chamadas de comunidades virtuais. Essas comunidades foram fontes de valores que moldaram comportamento e organização social, apresentando duas características fundamentais. Elas permitem uma comunicação livre e horizontal, além de proporcionar que cada pessoa encontre a sua própria destinação na net, ou seja, formação de uma rede. (CASTELLS, 2003).

Outra forma de observar essas redes sociais na *Internet* passa por uma redefinição de comunidade, na qual, como afirma Martino (2014, p. 44) “a raiz da palavra comunidade é a mesma de comum e de comunicação, pensada como ‘aquilo que pode ser compartilhado’”, não se importando tanto com o aspecto cultural, mas sim ao papel de sustentação do indivíduo e da família e desvinculando sua existência social de um tipo único de suporte material, devido ao fato dessas novas relações serem baseadas em interesses, assim: “comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social”. (WELLMAN, 2001, p. 1).

Essa identidade social será relevante se houver um laço, como Martino (2014, p. 68) afirma que, “em uma rede social, o elemento de ligação entre seus membros é o chamado ‘laço social’. Em linhas gerais, é o motivo pelo qual uma pessoa estabelece contato com outros, laços de trabalho, afetivos, de proximidades, e assim por diante”.

Todas essas metáforas se tornam coerentes quando Castells (1999, p. 497) afirma que “essa lógica das redes gera uma determinação social em nível mais alto do que a dos interesses sociais específicos expressos por meio das redes: o poder dos fluxos é mais importante que os fluxos do poder”, um exemplo claro é quando Martino (2014, p. 71) explica que “quando alguém muda de emprego, não está apenas mudando de rede, mas criando uma ligação entre as duas redes”, porque em ambos os empregos, laços terão sido feitos e mesmo que sofram perda de força, não serão totalmente quebrados.

6 CONSIDERAÇÕES

Tornou-se fundamental fazer parte de uma rede social, no mínimo como política simbólica de existência no mundo das mídias digitais, e numa sociedade que prima pela comunicação, ou seja, o que foi vivido em comunicação de massa está em outro curso comum, dando lugar a uma nova forma de atrair consumidores, destarte, indubitavelmente, o fenômeno de redes sociais é irreversível e sua dinamicidade cada vez mais influente.

As redes sociais se constituem a partir de uma identidade sociocultural, como uma forma estratégica, dependendo do objetivo que se quer atingir. Elas induzem ao acerto de atitudes ou ao erro de comportamento, quando seu uso é negligenciado e se toma aquilo como realidade. Como as redes se formam em torno de uma identidade sociocultural, acabam por funcionar como uma cultura de convergência, quando é deliberadamente mantida entre o real e o imaginário graças a discursos virtuais, relatos ou mitos, que descrevem um estado de coisas inteiramente hipotéticas, como se as ações sempre fossem tomadas baseando-se no comportamento mais aceitável perante a rede na qual o indivíduo participa e busca fortalecer suas interações.

Tornam-se evidentes as mudanças no comportamento da sociedade a partir das redes sociais na *Internet*. As redes funcionam com imensa reciprocidade de efeitos sociais, favorecem a conexão diretamente de agentes/atores, com ou sem consciência da importância. As redes são simbólicas no intuito de dar significância a todos que dela

participam, a fundamentação necessária para que o ecossistema comunicacional aconteça, está aí, mostra a correlação entre os muitos agentes dentro das diversas metáforas apresentadas, pois as forças estabelecidas nos laços de dependência irão representar a intensidade da conexão, todavia, essas relações ecossistêmicas difundem a informação para que a mesma transite na rede. A partir da sociedade da comunicação, a vida real tem se ampliado para relações virtuais, que, sem dúvida, são socioculturais.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. **Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas.** Informação & Informação, Universidade Estadual de Londrina, Vol. 12, Edição especial, 2007.

_____. **Redes sociais e tecnologias digitais de informação e comunicação no Brasil** (1996-2006). Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Nupef, 2006.

BARAN, Paul. ***On Distributed communications*** . *United States Air Force Project Rand, EUA*, 1964.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

CAPRA, **A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** Tradução Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix, 1996. 256 p. Título Original: the web of life: a new scientific understanding of living systems.

CALHOUN, Craig. **Nem os deuses nem Imperadores: Estudantes e da luta pela democracia na China.** University of California Press. (1994).

CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social.** Petrópolis: Vozes. 1998.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. **A Era da Informação: economia, sociedade e cultura.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e terra. 1999.

Granovetter, M. (1983). *The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited*. Sociological Theory 1: 201–233.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós moderno / Douglas Kellner ; tradução de Ivone Castilho Bonediti. Bauru, SP: EDUSC; 2001.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC; 2001.

LÉVY, Steve. *Hackers: Heroes of the Computer Revolution*. Nova York: Penguin-USA. 2001.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes.** – Petrópolis, RJ : Vozes, 2014.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** (*Understanding Media*). São Paulo: Editora Cultrix, 1969.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo;** tradução Eliane Lisboa. 4.ed. – Porto Alegre : Sulina, 2011.

PEREIRA, Mirna Feitoza. **Ecosistemas comunicacionais: uma definição conceitual.** In: Congresso Internacional Da Associação Brasileira De Estudos Semióticos, 4. ed., 2010, São Paulo. Anais... São Paulo, 2010

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet. 2 ed. Porto Alegre: Sulina,*

SANT'ANNA, Armando. Ismael Rocha Júnior. Luis Fernando Dabul Garcia. **Publicidade:** teoria, técnica e prática. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

TOURAINÉ, Alain. “**A formação do sujeito**”, em Castells (2008).

WELLMAN, B. An Electronic Group is Virtually a Social Network, **In: KIESLER, S. (org.) Culture of Internet.** (p. 179-205) Hisdale, Nj: Lawrence Erlbaum, 1997.